



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIANE SOARES LIMA

**AS RELAÇÕES E SEMELHANÇAS LITERÁRIAS ENTRE A TRAJETÓRIA DE
JOSÉ DO EGITO E DA CINDERELA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO
RELIGIOSO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS - PB

2023

MARIANE SOARES LIMA

**AS RELAÇÕES E SEMELHANÇAS LITERÁRIAS ENTRE A TRAJETÓRIA DE
JOSÉ DO EGITO E DA CINDERELA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO
RELIGIOSO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras-PB, como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

L732r Lima, Mariane Soares.
As relações e semelhanças literárias entre a trajetória de José do Egito e da Cinderela: contribuições para o ensino religioso para o ensino fundamental / Mariane Soares Lima. - Cajazeiras, 2023.
37f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.

1.Literatura comparada. 2.Semelhanças literárias. 3.Literatura pagã.
4.Texto sagrado. 5.Ensino religioso. 6.Análise literária. 7.Analogias.
8.Interação literária. 9.Sagrado e Profano. 10. Cinderella. 11.José do Egito.
12.Estudos literários. I.Silva, Abdoral Inácio da. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 82.091

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

MARIANE SOARES LIMA

**AS RELAÇÕES E SEMELHANÇAS LITERÁRIAS ENTRE A TRAJETÓRIA
DE JOSÉ DO EGITO E DA CINDERELA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO
RELIGIOSO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras-PB, como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciada em Letras.

Aprovado em: 26/06/2023.

Banca Examinadora:

Abdoral Inácio da Silva

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva - Orientador
(UAL/CFP/UFCG)

Rozilene Lopes de Sousa Alves

Profa. Ma. Rozilene Lopes de Sousa Alves - Examinadora 1
(UAE/CFP/UFCG)

José Wanderley Alves de Sousa

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa - Examinador 2
(UAL/CFP/UFCG)

AGRADECIMENTOS

Ao **Deus** em quem eu acredito e que sempre esteve me abençoando e me livrando de todo mal.

À minha mãe **Marinalva de Lima**, uma mulher de fé que me ensinou a andar nos caminhos do Senhor Jesus, sempre orando e intercedendo por minha vida.

A meu pai **Antônio Soares**, que sempre me ajudou quando faltava transporte na minha cidade, e nunca permitiu que eu fosse prejudicada por falta nas aulas.

À minha querida irmã caçula **Maria Eduarda Soares**, que sempre esteve disposta a me ajudar quando precisei.

Ao meu esposo **Francisco Vieira**, que sempre esteve ao meu lado, apoiando e incentivando a não desistir.

Aos meus **avós maternos, Francelina e Antônio**, que sempre se preocuparam com os meus estudos.

À minha colega, amiga e irmã em Cristo, **Janaiza Paixão do Nascimento**, que compartilha da mesma fé, princípios e valores Bíblicos, sua amizade foi um presente de Deus para mim.

À minha irmã do coração **Cleonice Barros** e família, que sempre me acolheu tão bem em sua residência na cidade de Cajazeiras-PB sempre que precisei.

Aos meus demais colegas, amigos e monitores do curso de Letras, que compartilham do mesmo sonho de formação.

Ao meu professor e orientador **Abdoral Inácio**, um exemplo de empatia e humildade!

Aos demais professores da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) pela dedicação e responsabilidade com que conduziram as aulas para nossa formação acadêmica e profissional de seus alunos. Minha mais sincera gratidão!

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”.

(2 Timóteo 3:16-17)

RESUMO

A presente pesquisa pretende analisar e relacionar as principais semelhanças literárias entre um clássico da literatura pagã – *Cinderela*; e o texto sagrado, *José do Egito*, e propor uma possível elaboração de trabalho didático para a disciplina de religião/ensino religioso, ou uma metodologia de ensino religioso com a presença de obras literárias diversas. Então, temos como objetivo analisar as duas obras, apresentar e abordar os aspectos literários em comum, e discorrer sobre a possibilidade de trabalhar como material didático para o ensino religioso baseado nas normas da Base Nacional Comum Curricular-BNCC. Para a realização dessa pesquisa, temos como teóricos vinculados ao tema: Carvalhal (2010), em sua obra “Literatura comparada”, instruindo e enfatizando a relevância dos estudos literários com a possibilidade de comparações entre elas, por meio de diversas temáticas. Outro teórico importante é Eliade (1992) em “O mito do eterno retorno”, onde o autor mostra as diversas manifestações por trás dos mitos religiosos, enfatizando a importância das questões espirituais por trás do comportamento humano. Frye (1992) em “O código dos códigos: a Bíblia e a literatura”, contribui maneira imprescindível nessa pesquisa. Uma vez que nesta obra Frye examina a Bíblia na perspectiva literária e não no âmbito religioso. Enfatizando sua influência ao longo dos anos em outras obras pagãs. Outro livro fundamental foi “Contos de fadas em suas versões originais”, comprovando como uma obra pode ser modificada ao longo dos anos em virtude da necessidade de adaptação ao público, em suas diferenças de idade e cultura e região. Além da Bíblia Sagrada, a versão escolhida para as citações nessa pesquisa foi a Nova Versão Internacional-NVI. Nessa metodologia bibliográfica, ocorre o levantamento de uma análise crítica das principais obras em foco de estudos, para desenvolver conhecimentos relevantes sobre o tema, contribuindo com a elaboração e conclusão da pesquisa. Contudo, para a realização desse tipo de pesquisa, temos como principal dificuldade a ausência de materiais acadêmicos relacionados ao tema, além de autores para que possam contribuir criticamente ou positivamente com as comparações entre as características de obras literárias, sendo elas grandes clássicos da literatura universal e de personagens bíblicos.

Palavras-chave: Literatura comparada. Analogias. Cinderela. Ensino religioso.

ABSTRACT

This research aims to analyze the main similarities between a classic of pagan literature – Cinderella; and the biblical text, Joseph of Egypt, and propose a possible elaboration of didactic work for the discipline of Religious Education or a methodology of religious teaching with the presence of diverse literary works. Furthermore, we present the goal of analyzing the two literary works, approaching their similarities, and discussing the possibility of using these works as teaching material and a tool to teach Religious Education based on the norms of the Brazilian national education curriculum – BNCC. To this end, this research employs the work of Carvalho (2010), specifically his work “Literatura comparada”, which emphasizes the relevance of literary studies that can be performed through comparison, approaching diverse themes. Another important theorist is Eliade (1992), in “O mito do eterno retorno”, the author shows the various manifestations behind religious myths, emphasizing the importance of the spiritual questions that influence human behavior. The work of Frye (1992) “O código dos códigos: a Bíblia e a literatura” was an essential contribution in this research. In this work, Frye examines the Bible from a literary perspective and not only in the religious realm, emphasizing the influence of the Bible over the years on other pagan works. Another fundamental contribution was “Contos de fadas em suas versões originais” showing how a literary work can be modified throughout time to adapt to a certain public, age, culture, and religion. As well as the Holy Bible, the version cited in this research was the New International Version (NIV). In this bibliographic methodology, a critical analysis of the main works was employed, to develop relevant knowledge on the subject, contributing to the elaboration and conclusion of the research. However, for the accomplishment of the goals of this research, we have as the main difficulty the absence of academic materials and authors related to the theme that can contribute critically or positively to the comparisons between the characteristics of literary works regarded as great classics of the universal literature and biblical characters.

Keywords: Comparative literature. Analogies. Cinderella. Religious Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	- Elemento simbólico da obra <i>José do Egito</i>	30
Figura 02	- Elemento simbólico da obra <i>Cinderela</i>	30
Quadro 01	- Semelhanças entre a obras <i>José do Egito e Cinderela</i>	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	-	Centro de Formação de Professores
CEB	-	Câmara de Educação Básica
CNE	-	Conselho Nacional de Educação
BNCC	-	Base Nacional Comum Curricular
ENEM	-	Exame Nacional do Ensino médio
LDB	-	Lei de Diretrizes e Bases
NVI	-	Nova Versão Internacional
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	-	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 METODOLOGIA.....	12
2. ANÁLISE DAS DUAS OBRAS E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS QUE AS ASSEMELHAM	16
2.1. A INTERAÇÃO LITERÁRIA ENTRE O SAGRADO E O PROFANO Erro! Indicador não definido.	
2.2. SÍNTESE DASDUASOBRAS.....	19
2.2.1 SÍTESE DA HISTÓRIA DA CINDERELA.....	21
2.2.2 BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DE JOSÉ DO EGITO.....	22
3. A TRAJETÓRIA DE SUPERAÇÃO DOS DOIS PERSONAGENS	22
4. CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO RELIGIOSO	28
5. INTERLOCUÇÃO ENTRE A HISTÓRIA DA CINDERELA E JOSÉ DO EGITO	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema se dá pela familiaridade com a leitura bíblica. Nascida em berço católico, e com o privilégio de ter visto o meu bisavô, Luiz Henrique de Lima, ler a sua bíblia todos os domingos, segui sua tradição. Foi por meio da Bíblia Sagrada que obtive o primeiro acesso aos personagens literários presentes no texto sagrado. Por exemplo, um homem muito forte chamado Sansão, a incrível arca de Noé, o Rei Davi que dançava, o mar que se abriu por meio de Moisés e seu cajado entre outras tantas histórias marcaram a minha infância e tornavam as idas e vindas à igreja algo totalmente atrativo, além disso, a escolha se deu também pela oportunidade e possibilidade de trabalhar um tema pouco explorado em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), porém, de grande relevância.

Assim, o personagem bíblico *José do Egito* é um dos meus favoritos, toda a sua história de superação, seus sonhos, a inveja dos irmãos e a honra a seu pai, lembram-me a história da *Cinderela*, uma das principais obras dos irmãos Grimm (1785-1863) na literatura pagã e universal, a qual conheci as narrativas na escola quando criança; entretanto foi somente na adolescência, quando assisti ao filme lançado pela *Disney* em 2015, que pude associar a todo momento com a história de *José do Egito*.

Outrossim, no que se refere às aulas de ensino religioso, já é esperado que o professor aborde temáticas bíblicas, mas propomos nesta pesquisa que o professor não se limite a ela, nesse momento, podemos utilizar diversas obras literárias, e assim, o ensino pode ocorrer por meio de analogias enfatizando aspectos semelhantes, sempre atento às observações dos alunos, estimulando a leitura dos clássicos, a reflexão e opiniões das obras, como também considerar possibilidade de elaboração atividades relacionadas ao tema.

As contribuições voltadas para a escola se dão pela visão atrativa que as aulas de ensino religioso poderão receber, como o engajamento maior por parte dos alunos ao deparar-se com uma aula lúdica e não apenas doutrinaria, abordando temáticas religiosas de forma leve como a escola sempre abordou os contos de fadas. O professor poderá iniciar com uma breve introdução sobre os elementos simbólicos de cada história, estudar sobre a biografia dos autores que escreveram cada obra, seja ela pagã ou sagrada, tendo em vista que as obras sagradas são atribuídas a autores que possivelmente não as escreveram; assim como estudar a época em que foram escritas e como pensavam a sociedade desse período. Por exemplo, na medida que estudávamos as duas histórias, o sapato de cristal e a túnica colorida pareciam a mesma história em culturas mesmo que sido produzidas em épocas e culturas diferentes.

Dessa forma, poder trabalhar com as narrativas bíblicas no nível superior, é uma questão de honra a minha família e a todos os princípios e valores pelos quais fui educada. É importante para uma geração de cristãos que possuem uma bagagem de conhecimento de literatura bíblica possam compartilhá-lo, porém, se recusam a trabalhar por temer a rejeição ou preconceito religioso.

A presente pesquisa justifica-se por uma experiência negativa vivenciada no ensino fundamental nas aulas vagas de ensino religioso na escola pública da minha cidade, faltava professores na maioria das aulas, não bastando essa lacuna, também faltava conteúdo. Apesar de ser negativa, essa experiência trouxe motivação para elaborar uma proposta de ensino a fim de contribuir com as futuras aulas de ensino religioso.

A presente pesquisa é bibliográfica, visto que se faz por meio de análises e estudo de textos e obras já publicadas, para chegar a determinadas conclusões sobre a problemática abordada, foi a melhor opção para a realização do presente trabalho. Quanto a sua abordagem, podemos qualificá-la como qualitativa e exploratória, a presença da subjetividade que dispensa a necessidade de números concretos, gráficos ou tabelas, visando interpretar fenômenos pela exploração da trajetória dos personagens, com atribuição de significados relevantes. Não foi utilizado o uso metódico de técnicas estatísticas.

Além de alcançar os objetivos propostos, pretendemos, com este trabalho, contribuir para outras futuras pesquisas na graduação, e uma possível elaboração de uma proposta didática voltada para o ensino fundamental, assim como há para as outras disciplinas. O ensino religioso, além de não estar incluso nas competências do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), ainda é relegado a segundo plano, visto que no período que antecede o ENEM o período é todo voltado para os conteúdos para o exame. Mesmo que o ensino religioso possibilite interdisciplinaridade com a literatura, assim, propomos trabalhar obras bíblicas e literárias por meio de analogias, que contribuirão para que o aluno aprenda a selecionar, relacionar, organizar, interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos de defesa e ponto de vista que contribuirão não apenas para o ENEM, mas ao longo dos estudos de modo geral.

No mais, a referida pesquisa encontra-se organizada da seguinte maneira: na primeira sessão, para introduzir a pesquisa, apresentamos uma abertura de tudo o que foi estudado com os nomes dos principais teóricos mencionados ao longo do trabalho, discutimos também sobre a metodologia e abordagem escolhida para a elaboração da pesquisa, os objetivos assim como a justificativa pela escolha do tema.

Já na segunda sessão, buscamos analisar as duas obras escolhidas e suas principais características que as assemelham, comprovando como a literatura sagrada e a literatura profana podem caminhar juntas e contribuir para a metodologia de ensino religioso mais significativo nas escolas públicas e privadas e, principalmente nos anos finais do ensino fundamental, obedecendo a todas as competências orientadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A trajetória de superação dos personagens é abordada na sessão três, aqui, também trabalhamos a questão do extraordinário, como a presença da magia no profano e o milagre no sagrado são semelhantes, e a mensagem final que pode reter por toda a história. Na quarta e última sessão apresentamos um olhar especificamente pedagógico, mostrando as possíveis contribuições para o ensino religioso e abordamos a BNCC com mais ênfase e frequência, comprovando que a proposta de ensino religioso apresentada nesta pesquisa segue as orientações estabelecidas pelo documento normativo da BNCC. Em seguida, concluímos com as Considerações finais e as referências de todas as obras e documentos necessários.

1.1 METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho científico que se baseia por meio de comparações entre duas obras, a metodologia bibliográfica foi a ideal. Uma vez que esse tipo de pesquisa se faz através de análises e estudo de textos e obras já publicadas para chegar a determinadas conclusões.

Conforme esclarece Gonçalves (2001, p. 65), esse tipo de pesquisa “[...] objetiva escrever as características de um objeto de estudo”. Por meio de referenciais teóricos publicados, é possível realizar várias análises e discursões científicas contribuindo para a resolução da pesquisa bibliográfica.

Seguindo a definição da Pesquisa Bibliográfica, como menciona Prodanov e Freitas (2013, p. 54), é “[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos, artigos científicos [...]”. Desse modo, buscamos analisar tanto a versão original da obra, quanto as versões recentes e atualizadas.

As hipóteses e objetivos da presente pesquisa foram alcançados por meio de um planejamento metódico, seguindo as sequências de acontecimentos de cada história, o conhecimento sobre o que se foi pesquisado pode esclarecer as principais semelhanças entre as duas obras, aproximando o leitor da versão original e dos pontos semelhantes que geralmente são abordados ou comentados.

Além da metodologia bibliográfica, temos também a abordagem qualitativa e exploratória. É qualitativa pela valorização do contexto em que a história foi escrita e está inserida, reconhecemos que a cultura na qual a história nasceu carrega marcas de sua identidade local. Exploramos o contexto das obras para familiarização com os detalhes minuciosos que proporcionem possíveis novos conhecimentos ao pesquisador, professor e alunos.

A única tabela presente ao longo da pesquisa visa fazer uma breve comparação de forma didática, de maneira resumida e simplificada com todas as semelhanças encontradas por meio do estudo das duas obras.

Outrossim, é necessário informar que para a realização desse tipo de pesquisa, temos como principal dificuldade a ausência de recursos como materiais acadêmicos relacionados ao tema, além de autores para que possam contribuir criticamente ou positivamente com as comparações entre as características de obras literárias, sendo elas grandes clássicos da literatura universal ou de personagens bíblicos.

Logo, analisamos as duas obras enaltecendo as principais características e elementos que as assemelham, com alguns trechos principais, citando as modificações e adaptações que essas duas histórias sofreram ao longo dos anos, para diferentes culturas e épocas.

A lição de moral, ou a moral dos bons costumes presente nas duas obras também é um ponto importante para constar que há semelhança entre o texto sagrado e o profano, visto que, a literatura foi por muito tempo útil para impor limites, corrigir e disciplinar crianças, alunos e adultos.

2. ANÁLISE DAS DUAS OBRAS E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS QUE AS ASSEMELHAM

Os elementos comuns à literatura pagã e bíblica nem sempre se opõem ou disputam ideologias sobre determinadas temáticas ou problemas sociais. Ao analisar as duas histórias, (Cinderela e José do Egito) podemos perceber dois tipos de semelhanças, as perceptíveis, que envolvem elementos representativos como a Túnica colorida de José que fora feita exclusivamente para ele e o sapato de cristal que também era exclusivo para a *Cinderela* e não serviu para mais ninguém além dela, tornando os principais símbolos representativos dessas histórias.

Outra semelhança é a presença de sangue nas duas histórias. No sapato da cinderela, o sangue veio pela mutilação que suas irmãs sofreram para que o sapato coubesse em seus pés; já na túnica de José, foi manchada pelos seus irmãos com sangue de cordeiro, como uma justificativa ao seu pai Jacó pelo desaparecimento do irmão, supostamente causado por um ataque de animal selvagem.

A presença desses elementos simbólicos tivera um grande êxito alusivo ao longo dos anos, visto que é possível lembrar de uma história ou de uma mensagem histórica apenas por olhar o símbolo representativo. O sapato de cristal ou de ouro não aderiu fama apesar de ser de cristal, uma joia rara, e que dificilmente é utilizada em calçados de modo geral, ou por ter sido feita por uma mágica de uma fada madrinha nas versões mais recentes e adaptadas - ou pelos pássaros que habitavam numa árvore de avelã e traziam para a cinderela tanto o sapato quanto o vestido- mas por toda a história há um significado implícito por trás dele. Apesar de que, na versão original do conto, o sapato não era de cristal, mas de ouro, conforme podemos observar na seguinte passagem:

Quando chegou à noite, Cinderela precisava ir para casa e o príncipe estava prestes a ir com ela, quando a moça correu tão rapidamente que ele não pôde segui-la. Mas ele tinha elaborado um plano e espalhou piche nas escadarias, de modo que, quando ela correu, seu sapato esquerdo ficou em um dos degraus. O príncipe pegou o sapato e viu que era de ouro, muito pequeno e delicado (GRIMM, J.; GRIMM, W., 2019, p. 176).

Conforme observamos, o material que compõe o sapato da *Cinderela* era muito incomum para sua época, pois os calçados, de modo geral, surgiram como uma necessidade humana de proteger seus pés de animais peçonhentos, espinhos e o incômodo da sujeira nos pés, muito antes de se tornarem um artigo de moda como na atualidade. Na época dos Irmãos

Grimm, os sapatos ainda eram artesanais, fabricados sob medidas por artesãos, compostos de madeira, couro e tecidos.

Baseado nisso, o *sapato de ouro* tornou-se comum na medida que os calçados evoluíam em estética, luxo e conforto, por isso surge uma possível necessidade de adaptação da história, ou mesmo de um elemento simbólico e mais atrativo, como uma espécie de símbolo principal. Então, a composição de ouro foi substituída pelo Cristal. O que foi um grande êxito para a história, tornando o símbolo representativo, então, a Cinderela tornava-se a princesa do sapatinho de cristal.

Com vista a isso, Wellek e Warren, (2003, p. 248) afirmam que: “como a imagem, o símbolo deu o nome a um movimento literário específico. Como a imagem, ele continua a surgir em contextos amplamente diferentes e com fins muito diversos [...]”.

Logo, toda essa trajetória da Cinderela passou a ser simbolizada ou identificada por esse elemento, o sapato de cristal. Assim, a representação do sapato muito pequeno e delicado feito de cristal ou de ouro está para a Cinderela como a Maçã está para a Branca de neve e para Eva no jardim do Éden, como as Tranças estão para a Rapunzel ou Sansão, a rosa vermelha para a Bela e a fera, o Floco de neve para a Frozen, e a Túnica para José.

Em relação ao que já foi mencionado, Wellek e Warren (2003, p. 248) afirmam que: “os símbolos algébricos e lógicos são signos de convenção, de acordo, mas os símbolos religiosos baseiam-se em alguma relação intrínseca entre o ‘signo’ e a coisa ‘significada’, metonímica ou metáfora: Cruz, o cordeiro, o bom pastor”. Baseado nisso, toda a história pode ser simbolizada por um elemento concreto presente no enredo que também pode ser carregado de significados implícitos.

Outra referência, pode ser a preferência paterna, também estão presentes em ambas histórias, em José por ser o filho mais novo de sua esposa favorita, uma vez que seu pai fora casado mais de uma vez; e semelhantemente, a Cinderela que também era a filha favorita, órfã de mãe, a qual falecera ainda jovem e seu pai teve de casar novamente.

Ainda há outra semelhança que pode ser destacada é a consciência subjetiva envolvendo o sentimento de inveja, tanto *José do Egito* quanto a *Cinderela* eram invejados pelos irmãos que exploravam ambos ao longo da história, e mesmo sendo injustiçados, não perderam sua essência e pureza.

Além da inveja dos irmãos, o sentimento de desprezo também está presente nas duas histórias, haja vista que em relação à madrasta da Cinderela são denunciados pela sede de poder sobre a sua enteada. Já em José, não temos nenhum registro de fala de suas madrastas, até porque no seu caso envolvia a questão de um outro contexto histórico e cultural que é a

poligamia, ou seja, o pai de José casou com sua tia, irmã mais velha de sua mãe. Assim, não encontramos registros na Bíblia nos quais Lia, irmã de Raquel e as outras criadas de Jacó viessem a interferir na trajetória de José, ou seja, elas não influenciam positivamente ou de forma negativa ao longo da história, porém, o ciúme é refletido pelos demais irmãos, visto que a relação de Jacó com José era de um afeto diferenciado em relações aos demais, fato esse que desperta sentimentos de injustiça em relação a José no decorrer da história.

Ao ler a Bíblia Sagrada e suas diferentes traduções, percebemos que os autores buscavam nos comunicar sobre determinadas temáticas e ensinamentos importantes sobre a conduta humana, baseados nas experiências da época em que foram escritos. A transparência e clareza no ensino é uma característica importante pela qual se fizeram necessárias tantas traduções e adaptações, facilitando sua compreensão para o mais variado público ao longo da história.

Nesse sentido, para Merege, (2019, p. 11) “à medida em que as civilizações se desenvolvem, as narrativas se tornaram mais complexas, e logo surgiram os cânticos e poemas sagrados que estão nas raízes de toda a literatura. Os contos de fadas têm a mesma origem, mas [sem] [...] caráter heroico ou religioso”.

Concordando com a visão da autora, cremos que essas raízes literárias continuaram a expandir-se ao longo da história e por isso na medida que trabalhamos o presente tema no ambiente escolar, torna-se relevante, tendo em vista que incluem também o estudo de obras de caráter religioso ou não.

2.1. A INTERAÇÃO LITERÁRIA ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

O estudo de obras literárias sempre foi estimulado e defendido ao longo do percurso do curso de letras-língua portuguesa, os diversos autores trabalhados utilizaram a literatura como um meio de promover entretenimento, contribuições para as aulas de ensino de língua portuguesa, gramática normativa, língua estrangeira e até mesmo como mecanismo de denúncia da realidade social em diversas obras e gêneros literários diversos.

Em vista disso, também percebemos as contribuições bíblicas para com a literatura que vão desde as denúncias ou demonstrações dos costumes e cultura da época e região de cada autor, por isso sua ampla bagagem de histórias permite a possibilidade de que seja trabalhada sob a perspectiva do ensino, especificamente de caráter religioso, contribuindo dessa forma para uma aula mais contextualizada e interdisciplinar.

Entre os autores e estudiosos que contribuíram com a temática da pesquisa, destacamos *René Wellek* e *Austin Warren* com sua obra “Teoria da literatura e metodologia nos estudos literários”, nessa obra, os autores defendem que os estudos literários não servem simplesmente em prol da arte da leitura em si; é necessário que se possa comparar textos de diversos gêneros, como textos sagrados e profanos, por exemplo.

Já a autora brasileira Tânia Carvalhal, com sua obra “Literatura comparada”, situa-se como uma das principais autoras para a elaboração deste trabalho, uma vez que a pesquisa se deu por comparar duas obras literárias. Ademais, questões como interdisciplinaridade também são abordadas em sua obra, assim como o comparativíssimo, imitação e invenção, influências e descolonização literárias as quais foram alguns tópicos atrativos para a escola da autora.

Outra obra fundamental foi o “Código dos códigos”, e a “Anatomia da crítica”, ambas de *Frye*, nas quais o autor e crítico literário defende os estudos de textos bíblicos com finalidade literária, longe da perspectiva religiosa ou doutrinária como se pode encontrar em instituições religiosas.

Em relação ao texto literário, os irmãos Grimm, por sua vez, folcloristas alemães do século XVIII, ficaram famosos no mundo todo por meio de suas adaptações de obras literárias. Foram diversos contos escritos com várias edições, ilustrações e adaptações ao longo dos anos, tornando-se verdadeiros clássicos da literatura universal. Muitas dessas histórias eram conhecidas através da oralidade, transmitidas e ensinadas de pais para filhos e assim de geração em geração, como também ocorreu na Bíblia.

Esses clássicos dos irmãos Grimm sempre estiveram presentes nas escolas, os contos e narrativas literárias contribuíram ao longo dos anos para os professores e alunos no ensino de língua portuguesa, no processo de alfabetização, de letramento, e para produção de diversos textos e gêneros textuais, assim como nos desenhos de TV, filmes e séries que enaltecem ainda mais a sua importância como entretenimento para diversos públicos de várias faixas etárias.

Nesse sentido, os estudos de “Grandes livros isolados” podem ser altamente recomendáveis para fins pedagógicos, segundo Wellek e Warren (2003), essas obras possibilitam não apenas trabalhos e pesquisas acadêmicas, mas como também a produção de eventos literários – como a bienal do livro -, e projetos científicos de nível acadêmico. Como apontam Wellek e Warren (2003, p. 9): “Dizer que os estudos literários servem apenas a arte da literatura é conceber erroneamente o ideal de conhecimento organizado, por mais indispensável que esta arte possa ser para o estudioso de literatura”. Nessa perspectiva, o

conhecimento literário pode também abranger uma análise de textos sagrados, cooperando para mediação de conhecimento.

Seguindo a linha de pensamento dos autores, podemos compreender que, para eles, nenhuma obra de arte pode ser inteiramente “singular”, já que, se fosse, seria completamente incompreensível. Assim, a temática do presente trabalho, compactua com essa ideia e busca apresentar entre um personagem bíblico e uma personagem profana, a possibilidade de ser relacionados tanto com o desenvolver da história, como a presença de objetos inanimados que caracterizam os contos, como o sapato de cristal da cinderela ou a túnica colorida de José do Egito; que apesar de serem adornos diferentes, possuem semelhanças representativas no decorrer das obras comparadas, tanto como a mensagem que cada história transmite, pautada na conduta humana.

Nesse sentido, para Carvalhal (2006, p. 8), “[...] a literatura comparada, sendo uma atividade crítica, não necessita excluir o histórico (sem cair no historicismo), mas, ao lidar amplamente com dados literários e extraliterários ela fornece à crítica literária, à historiografia literária e à teoria literária uma base fundamental”.

Por isso, a autora demonstra que o texto literário relativiza os aspectos históricos e não históricos, valorizando a história e o contexto em ocorreu a narrativa para melhor atribuir sentido e significado no decorrer do enredo por parte do leitor que, passa possivelmente a conhecer como pensava a sociedade ou cultura local onde a obra foi escrita, ou seja, o contexto histórico.

Além do mais, o estudo literário presente nessas duas obras não se resume em simplesmente compará-las como comparamos diferentes costumes de cada época, ou como comparamos cores e formas distintas. Pode-se expandi-los a questões extraliterárias, principalmente fora no âmbito da literatura, e o mais próximo possível da realidade nos quais os textos foram escritos.

Uma vez que levamos em consideração o cotidiano dos alunos, com a proximidade da realidade, também temos a liberdade de trabalhar a presença de outros aspectos extraliterários, tecnicamente chamados de licença poética, que enriquece as histórias trazendo afeição, a magia, acontecimentos heroicos e milagrosos que envolvem o leitor, em especial, o público infante juvenil. Relacionado a isso: “O herói da estória move-se no mundo em que as leis comuns da natureza se suspendem ligeiramente, prodígios de coragem e persistência, inaturais para nós, são naturais para ele, e armas encantadas, animais que falam, gigantes e feiticeiros pavorosos [...]. (WELLEK; WAREN, 2003, p. 40).

Nessa perspectiva, podemos observar a visão heroica relacionada ao protagonista principal de cada uma das obras estudadas são perceptíveis, e como as leis comuns da natureza se suspendem quando magicamente, na *Cinderela*, seu figurino para o baile desce por intermédio de pássaros sob uma árvore de avelã plantada pela mesma. Na história vemos que: “A Cinderela correu até o túmulo de sua mãe e, sob o arbusto de avelã clamou: -Árvore pequeninha, balance seus galhos sobre mim, que a prata e o ouro venham me cobrir. Então, o pássaro jogou um vestido de ouro e prata e um par de sapatos bordados com seda e prata” (GRIMM, J.; GRIMM, W., 2019, p. 172).

Assim percebemos que há interação entre o extraliterário nas duas obras também conta com ações supranaturais, é válido ressaltar que pode ser comum que tenhamos sonhos com esses aspectos longe das leis da natureza, assim como ocorreu com José do Egito, as leis comuns da natureza se suspendem em seus sonhos, segundo Gênesis 37:5 e 9:

Certa vez José teve um sonho e, quando o contou a seus irmãos, eles passaram a odiá-lo ainda mais. “Ouçam o sonho que tive”, disse-lhes. “Estávamos amarrando os feixes de trigo no campo, quando o meu feixe se levantou e ficou em pé, e os seus feixes se juntaram ao redor do meu e se curvaram diante dele.” [...]. Depois teve outro sonho, e contou aos seus irmãos: “Tive outro sonho, e desta vez o sol e a lua e onze estrelas se curvaram diante de mim”.

Como podemos observar, os prodígios milagrosos relacionam as duas obras apesar das diferenças de origem, tanto na história bíblica quanto a pagã, a cinderela, contam com fenômenos além do que permitem as leis da natureza, bíblicamente chamado de milagres divinos, em outros livros da bíblia, por exemplo, é possível encontrar animais falando como a mula de balão ou, a mais famosa, a serpente no paraíso.

Outro fator interessante, é sobre o que está por trás de cada fenômeno extraliterário de cada história e o impacto que elas podem promover no leitor, por isso buscamos a possibilidade de mediar conhecimento literário presente na Bíblia Sagrada, propondo reflexões sobre suas afirmações metafóricas e relatos de vida, superação e milagres presentes tanto na *Cinderela* quanto em *José do Egito*.

Ademais, Frye (1998) aponta que a função da literatura não é fugir do real, mas de ver neste a dimensão possível fazendo uso da licença poética, mostrando a possibilidade, por exemplo, de se trabalhar a Bíblia na temática literária, conseqüentemente, muito além de em uma perspectiva religiosa.

Assim, o texto bíblico, por sua vez, abarca uma amplitude de dados literários aberto a possíveis críticas do leitor, ao levar em consideração a cultura, leis e costumes da época em que foram escritos, a riqueza das narrativas transmitidas de gerações em gerações, como aparecem ao longo da Bíblia, a exemplos da presença de diversos gêneros literários como diálogos, prosas, fábulas, poesias, relatos, conselhos de sabedoria presente em provérbios de Salomão, dentre outros. Nesse contexto, para Frye (2004, p. 15, grifo do autor) enfatiza que: “a abordagem da bíblia de um ponto de vista literário não é de *per si* ilegítimo: nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária”.

Concordando com o que Frye afirma, as características literárias que encontramos na Bíblia Sagrada possibilitam seu uso legalmente nas escolas para fins de ensino religioso ou literário de modo geral. A sua influência sobre os autores e obras ao longo do tempo, é perceptível e pode constituir-se um ótimo mecanismo para metodologia de ensino, baseado em analogias e até mesmo alegorias que são características predominantes do texto literário.

No âmbito acadêmico, a possibilidade de estudar um texto sagrado na perspectiva literária como no caso de *José do Egito* em relação à *Cinderela* é relevante para os estudantes que aderem à leitura bíblica, tendo em vista que as duas obras carregam características literárias, e que a literatura sempre está em estudo ou análise ao longo da grade curricular.

Um exemplo bem claro dessa influência bíblica está nos estudos das escolas literárias, mesmo que algumas se contraponham com a religião por meio de críticas, mesmo assim a influência continua nas artes, nas obras escritas e músicas, há sempre alguma relação, por mais discreta que seja. Desde então, a Bíblia continua sendo até hoje inspiração para produções de muitas obras literárias.

Ainda segundo Frye (2004, p. 18) “a bíblia certamente é um elemento de maior grandeza em nossa tradição imaginativa, seja lá o que pensamos acreditar a seu respeito”. Concordando com o autor, não há necessidade de crer ou não crer no texto bíblico para que, conscientemente ou não, sejamos influenciados pela cultura cristã, visto que muitas das obras que conhecemos, sejam elas universais ou nacionais, em algum grau possuem influência da cultura e das religiões predominantes, muitos pontos relevantes da teoria da literatura e suas críticas literárias da atualidade, obtiveram origem a partir do estudo hermenêutico da bíblia, ou seja, pela interpretação de textos religiosos, a concernir que há uma grande riqueza literária contida na bíblia. Obras como “Esaú e Jacó” de Machado de Assis, “Caim” de José Saramago são exemplos de que o texto bíblico pode influenciar e inspirar diversos autores de textos literários

2.2 SÍNTESE DAS DUAS OBRAS.

De maneira sucinta, apresentaremos a seguir um breve resumo das duas principais obras analisadas ao longo da pesquisa, que serviram como base referencial a versão original do conto dos irmãos Grimm, para a Cinderela e uma versão atualizada da Bíblia para a história de José do Egito. A presença dessas duas sínteses contempla os principais fenômenos ocorridos em cada obra.

2.2.1 SÍNTESE DA HISTÓRIA DA CINDERELA.

Após tornar-se órfã de mãe, seu pai se casa novamente, e traz junto com sua nova esposa suas duas enteadas que eram belas e formosas, mas de corações vis, tinham inveja da cinderela de forma que não consigam falar com ela amigavelmente. A Cinderela era explorada por sua madrasta e irmãs postiças ao longo da história, nesse interim, o rei ordenara que fossem convidadas todas as mulheres bonitas e solteiras daquele país para um festival, a festa era para que seu filho, o príncipe, escolhesse uma noiva entre as moças. A madrasta não permitiu que a Cinderela fosse ao baile, alegando que ela não possuía vestes adequadas, então, a Cinderela correu para o túmulo de sua mãe que ficava ao lado de um arbusto de avelã, e enquanto chorava indignada exclamou: Árvore pequena, balance seus galhos sobre mim, que a prata e o ouro venham me cobrir! Então os pássaros vieram e trouxeram um vestido de ouro e prata e um par de sapatos bordados com seda dourada e prata. Assim, a Cinderela foi para o baile, sua madrasta e irmãs postiças não faziam ideia que aquela moça era a Cinderela. Quando chegou à noite, a Cinderela fugiu sem dizer o seu nome ao príncipe, deixando apenas o sapatinho preso no piche nas escadarias. O príncipe pegou o sapato e viu que era de ouro, muito pequeno e delicado. Na manhã seguinte, disse que ninguém deveria ser a sua noiva senão aquela cujo pé no sapato de ouro encaixasse. Chegando na casa da Cinderela, sua madrasta a prendera na torre, sua filha mais velha tinha os dedos dos pés muito grandes, então sua mãe entregou-lhes a faca e disse: - Corte o dedo fora, pois quando for rainha não precisará dele, já que nunca terá que andar a pé. Mas os pássaros denunciaram que a noiva era falsa devido o sangue que escorriam nos pés. Logo em seguida, a segunda filha também não conseguiu calçar o sapatinho pois tinha o calcanhar grande demais, a mãe novamente entregou-lhe a faca e disse: -Corte um pedaço de seu calcanhar, pois quando for rainha nunca precisará andar a pé, a menina cortou, engoliu a dor e foi até o príncipe, mas novamente os pássaros denunciaram, dizendo: sangue escorre nos pés! O príncipe insistiu

perguntando se havia mais alguma moça, mas disse o homem: minha falecida esposa deixou-me Cinderela, mas é impossível que ela seja a moça, mas o príncipe insistiu até ela aparecer. Ela sentou num banquinho, tirou seus pés do sapato de madeira pesado e colocou no de ouro, o qual encaixou-se perfeitamente!

2.2.2 BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DE JOSÉ DO EGITO

No primeiro livro do antigo testamento, Gênesis, a história de José se inicia relatando o seu trabalho de pastorear os rebanhos de seu pai, Jacó. O qual gostava mais de José do que de qualquer outro filho, os irmãos de José o odiaram e não conseguiam falar com ele amigavelmente. Zombavam dos sonhos de José e o apelidaram de sonhador. Certa vez, seus irmãos ao ver mercadores ismaelitas de *Midiã* se aproximarem, resolvem vendê-lo como escravo e o levaram ao Egito. Tomaram sua túnica colorida e mancharam de sangue de animal para justificar ao seu pai Jacó que José havia sofrido um ataque de animal feroz e possivelmente falecido. Porém, o Senhor estava com José e o abençoava em tudo o que fazia, chegando no Egito, *Potifar* tornou José administrador de seus bens, ficando aos cuidados de José a sua casa e tudo o quanto possuía. Porém, José foi assediado pela mulher de seu chefe, *potifar*, a quem o acusou de uma tentativa de abuso, Mesmo fugindo da mulher, José acabou sendo preso, e mesmo na prisão, Deus ainda estava com ele e deu-lhe liberdade. De volta aos trabalhos administrativos, os irmãos de José vão ao Egito em busca de alimento, José conheceu seus irmãos, porém eles não reconheceram José, até que José se denuncia e promete não se vingar do que os seus irmãos fizeram, pois reconheceu que tudo o que aconteceu foi necessário e foi por ordem divina para que futuramente José os ajudassem.

3. A TRAJETÓRIA DE SUPERAÇÃO DOS DOIS PERSONAGENS

Na introdução das duas histórias, tudo fluía bem simultaneamente, uma família feliz e em harmonia, até determinados eventos ocorridos com os personagens protagonistas. Em José, apelidado de “o sonhador”, por seus irmãos, percebemos o enredo mudar a partir de um sentimento de inveja, causados pelos seus sonhos que irritavam seus dez irmãos mais velhos que não viam em José a sua ingenuidade ao relatar seus sonhos.

A ira e ciúmes causados pela predileção de Jacó a seu filho mais novo, José, é o marco para o surgimento do conflito em que desenvolveu da história de José. Mas para entender essa

predileção, entramos na história de Jacó, o pai de José, para compreendermos melhor o que ocorreu para que surgisse esse sentimento. Em Gênesis 29:16 diz:

[...], Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Lia, e o da mais nova, Raquel. Lia tinha olhos meigos, mas Raquel era bonita e atraente. Como Jacó gostava muito de Raquel, disse: “Trabalharei sete anos em troca de Raquel, sua filha mais nova”. Labão respondeu: “será melhor dá-la a você do que a algo outro homem. Fique aqui comigo”. Então Jacó trabalhou sete anos por Raquel, mas lhe pareceram poucos dias, pelo tanto que a amava. [...] Labão reuniu todo o povo daquele lugar e deu uma festa. Mas quando a noite chegou, deu sua filha Lia a Jacó, e Jacó deitou-se com ela. Quando chegou a manhã, lá estava Lia. Então Jacó disse a Labão: “Que foi que você me fez? Eu não trabalhei por Raquel? Por que você me enganou?” Labão respondeu: “aqui não é de costume entregar em casamento a filha mais nova antes da mais velha.

Logo, o amor de Jacó por Raquel era tão grande que ele negociou mais sete anos de trabalho por amor a Raquel, mesmo sendo enganado pelo seu sogro. Lia era desprezada enquanto Raquel era desejada. Já casado com Raquel, Jacó enfrenta outro problema, a esterilidade de Raquel, ela não teve filhos por muito tempo até que Deus veio a lembrar de Raquel e permitir que ela fosse mãe. Então, depois de muita espera veio José, o amado, mesmo antes de existir.

Tempo depois, Raquel teve outro filho e o chamou de Benjamim, segundo a Bíblia José tinha apenas dezessete anos de idade quando começou a trabalhar como pastor, tinha suas obrigações, pastoreava os rebanhos de seu pai com seus irmãos. Devido o engano de Labão, o sogro de Jacó, e a esterilidade de Raquel, José chegou após um longo período de sofrimento, como sinônimo de conquista da mulher amada para Jacó, e de realização para Raquel. De acordo com a história: “Ora, Israel gostava mais de José do que de qualquer outro filho, porque lhe havia nascido em sua velhice; por isso mandou fazer para ele uma túnica longa. Quando os seus irmãos viram que o pai gostava mais de José do que de qualquer outro filho, odiaram-no e não conseguiam falar com ele amigavelmente”. (Gênesis 37:3-4). Semelhantemente, as irmãs da Cinderela tinham a mesma dificuldade de falar amigavelmente. Na versão original do conto, é descrito dessa forma:

Era uma vez um homem abastado cuja esposa estava muito doente. Quando ela sentiu que seu fim estava próximo, chamou sua única filha para perto e disse: - Filha amada, se fores boa e fizer suas orações fielmente, Deus sempre a ajudará e eu olharei por você do céu [...]. O homem rico casou-se novamente. A nova esposa trouxe com ela duas filhas. Eram belas e formosas na aparência, mas tinham corações vis. Começaram tempos difíceis para a pobre moça. - Essa pata-choca estúpida há de se sentar na mesma sala com a gente? - Disseram as irmãs. [...]. Tiraram todos os vestidos bonitos da moça e no lugar deram-lhe

um vestido velho e cinza. E para os pés sapatos de madeira para o desgaste. [...] as irmãs fizeram o máximo para atormentá-la. Zombando-a, jogavam ervilhas e lentilhas no meio das cinzas e a fazia busca-las. p169

Nesse sentido, podemos estabelecer o paralelo entre o ato de falar amigavelmente era o esperado ou recomendável para as damas da época em que a história dos irmãos Grimm foi escrita. Tal como falavam as autoridades ou realezas, de modo refinado e com reverências. Podemos abordar uma característica comum na metodologia de ensino tradicional, onde o aluno era passivo e apenas um receptor, e o professor, tem o papel de protagonista na transmissão do conhecimento, nessa metodologia o modo de falar era algo relevante, especialmente da parte do aluno, e denunciava a posição de autoridade e submissão de quem interagia.

Então, podemos pressupor que a história também apresenta diversas lições para a educação formal ou informal, assim como a maneira de falar amigavelmente, que, para a história era sinônimo de educação e quem fizesse o contrário estaria errado e sofreria possíveis consequências disciplinares.

Conforme observamos na citação bíblica, a túnica longa -ou colorida em outras versões- feita exclusivamente para José acentuou o sentimento de inveja em seus irmãos mais velhos que demonstravam isso não falando amigavelmente com José.

Certa vez, enquanto José ia em busca de seus irmãos, um deles o avistou de longe e, antes que chegasse planejaram matá-lo, porém, antes disso tiveram outra ideia de lança-lo em um poço profundo ao em vez de mata-lo, e ainda criaram uma possível justificativa para dar ao pai caso perguntasse por José, dizendo teria sido atacado e devorado por algum animal selvagem.

Jogado no fundo do poço vazio, José estava despido de sua túnica. Enquanto isso, seus irmãos se alimentavam, quando avistaram uma caravana de ismaelitas com seus camelos indo em direção ao Egito, carregados de especiarias e balsamos.

Diante disse, “Judá disse então a seus irmãos: ‘que ganharemos se matarmos nosso irmão e escondermos o seu sangue? Vamos vendê-lo aos ismaelitas [...] e todos concordaram’.” (Gênesis 37:26). Depois de ser vendido como escravo, José enfrentou outros problemas como assédio, falsas acusações e conseqüentemente foi preso injustamente.

Apesar das desavenças, o Senhor Deus de seu pai estava com José, segundo Gêneses, de modo que ele prosperava em tudo o que fazia, e assim passou a morar no palácio de Potifar que se agradou da sabedoria de José a ponto de torná-lo administrador de seus bens, sua casa e tudo o quanto possuía.

Em relação à fisionomia dele, Gênesis 39:7 diz que José era atraente e de boa aparência, e depois de certo tempo, a mulher de seu senhor começou a cobiçá-lo; dizendo: “Venha, deite-se comigo!”. Mas ele se recusou e lhe disse: “Meu senhor, não se preocupa com coisa alguma da sua casa, e tudo o que tem deixou aos meus cuidados. [...]”. Assim, embora ela insistisse com José dia após dia, ele se recusava a deitar-se com ela e evitava ficar próximo dela.

Porém, todo o cuidado não foi o suficiente para que José não se prejudicasse. Aqui encontramos mais uma ação típica entre as duas obras, a fuga! José fugiu da mulher de Potifar, quando em um certo dia ela entrou na casa para fazer suas tarefas e nenhum empregado se encontrava presente. No verso doze, diz: “Ela o agarrou pelo manto e voltou a convidá-lo: “Vamos, deite-se comigo!” Mas ele fugiu da casa, deixando o manto na mão dela. Quando ela viu que, ao fugir, ele tinha deixado o manto em sua mão, ela chamou os empregados e disse: “Vejam, este hebreu nos foi trazido para nos insultar! Ele entrou aqui e tentou abusar de mim, mas gritei. Quando ele me ouvir gritar por socorro, largou seu manto ao meu lado e fugiu da casa”. Gênesis 39:13,14,15. Nas duas obras, os personagens principais fogem das situações que podem, possivelmente, prejudicar lhes. Por exemplo, José perderia a total confiança de seu senhor, e todo o seu respaldo de homem honesto e responsável adulterando com a mulher de seu senhor, a quem tanto o admirava. Já a Cinderela, por sua vez, perderia seu desfaço ou encanto, a obra original descreve que:

Quando chegou à noite, ela queria ir para casa, mas o príncipe disse que iria escoltá-la, pois esperava saber onde a bela moça vivia. Porém, ela conseguiu fugir e saltou para dentro do pombal. O príncipe esperou até que o pai de Cinderela chegasse, e disse-lhe que a donzela desconhecida havia desaparecido dentro da casa dos pombos. [...]. O pai pegou seu machado e colocou o pombal a abaixo, mas não havia ninguém lá. Quando eles chegaram na casa, lá estava Cinderela em sua roupa suja entre as Cinzas, com óleo da lâmpada queimada em frente à lareira. Cinderela tinha sido muito rápida, saltando para fora do pombal e escapando de seu pai e do príncipe. (GRIMM, J.; GRIMM, W., 2019. p. 174).

Então, a Cinderela volta para sua aparência de costume, com seus trapos e entre as cinzas da cozinha longe do brilho admirável de seu vestido de ouro. Com essa fuga, ela evitou de ser reconhecida por sua madrasta e irmãs adotivas. O reconhecimento dela poderia contribuir para mais opressão ou inveja por parte delas, já que elas haviam proibido a Cinderela de comparecer no baile.

Tanto a Cinderela quanto José do Egito foram vítimas de seus irmãos, oprimidos, privados, excluídos e nada do que passaram tornou seus corações vis ou levaram a questionar

a sua fé na existência de Deus. Um exemplo disso é a alegria que José sentiu em reencontrar com seus irmãos no Egito, apesar de não ter sido conhecidos por eles.

José provavelmente não soube que seus irmãos mancharam sua túnica de sangue de animal como a história menciona. Para enganar o pai dizendo que seu filho caçula fora morto por uma fera, Assim, José passa da condição de filho preferido de Jacó para ser escravo no Egito. Tal declínio parecia ser o fim de uma vida próspera e feliz, porém, Deus já havia reservado um futuro de paz e prosperidade. Nesse sentido, quando finalmente permite que os irmãos o reconheçam, afirma o seu destino mudou, porque:

7 Deus me enviou à frente de vocês para lhes preservar um remanescente nesta terra e para salvar-lhes a vida com grande livramento. 8 Assim, não foram vocês que me mandaram para cá, mas sim o próprio Deus. Ele me tornou ministro do Faraó, e me fez administrador de todo o palácio e governador de todo o Egito (Gênesis 45:7-8).

Na *Cinderela*, seu declínio parte de três acontecimentos, o primeiro a morte de sua mãe, a chegada da madrasta e o falecimento do pai. Na versão original sua enfermidade não é diagnosticada, entretanto, ela apenas veio a falecer após ficar muito doente. Apesar disso, Cinderela segue sua vida feliz com seu pai e seus criados mesmo com a ausência materna, se sentia amada e acolhida com seus vários bichos de estimação, entretanto, com a chegada da madrasta um tanto hostil e rude, a Cinderela toma uma posição de oprimida, na ausência de pai, ela era cada vez mais explorada pela madrasta.

Acidentalmente, seu pai veio a falecer durante suas viagens a trabalho, nas versões mais recentes e adaptadas do conto, a partir disso a economia do lar definha ao ponto de sua madrasta demitir todos os criados por não ter recursos para mantê-los. Sobrando todo o trabalho doméstico exclusivamente para a cinderela.

Frye (2003) acredita que com as mesmas convenções usadas no Renascimento, a comédia doméstica baseia-se comumente no arquétipo da Cinderela, na moralidade de coisas que acontecem quando a virtude é recompensada, na incorporação de um indivíduo muito semelhante ao leitor numa sociedade a que ambos espiram, numa sociedade acompanhada por um rugitar feliz de vestidos de noivas e notas de dinheiro.

Outra informação relevante é o nome original da personagem e protagonista que é apenas “Ella”, o nome “Cinderela” foi dado, porque pelas suas irmãs por causa de sua aparência sempre suja e empoeirada. Ela dormia próximo a chaminé e por isso sempre estava suja e cheia de cinzas, daí veio a Cinderela, porque Ella estava sempre cheia de cinzas.

Outros apelidos semelhantes também surgiram ao longo das traduções e adaptações, como a borralheira ou gata borralheira pelos borralhos que manchavam suas roupas, também oriundos da lareira.

Em relação a presença do sangue nas histórias, vimos que em José do Egito, o sangue está em sua túnica. Na Cinderela, encontramos o sangue em seu sapato de ouro, quando o príncipe se desespera para finalmente conhecer a donzela que ele escolhera para ser sua noiva, ele sai pelo reino a procura, dizendo:

Ninguém deveria ser sua noiva, senão aquela cujo pé no sapato de ouro encaixasse. Em seguida, as duas irmãs ficaram muito felizes, porque tinham pés bonitos. A mais velha foi para o quarto para tentar colocar o sapato e a mãe foi com ela. Mas o sapato era pequeno demais e seu dedão não cabia, então, sua mãe entregou-lhe uma faca e disse: - Corte o dedo do pé fora, pois quando for rainha, não precisará dele, já que nunca terá que andar a pé. A menina cortou o dedo do pé fora, apertou o pé no sapato, engoliu a dor e desceu até o príncipe. Ele a levou em seu cavalo como sua noiva[...] tiveram que passar pela sepultura da mãe de Cinderela. Lá estavam os dois pombos no arbusto de avelã, que clamavam: [...] O sangue escorre do sapato “Lá vão eles, lá vão eles!” O pé é muito grande e muito largo, há sangue escorrendo. Dê meia volta e leve a sua noiva verdadeira.

Um final feliz é sempre esperado nos contos de fadas, e de fato, ocorreu com a Cinderela após tanto sofrimento, ela recompensada e por outro lado, suas irmãs que tiraram proveito de sua bondade foram desprezadas e punidas. Nas versões mais recentes e adaptadas, a história da Cinderela é finalizada com ela perdoadando sua madrasta, mas não relata o sofrimento das irmãs com seus pés mutilados como consta na versão original do conto.

A cinderela casa com o príncipe do reino, durante seu casamento, suas irmãs comparecem a cerimônia na esperança de serem beneficiadas e também de participarem das festividades, a Cinderela não se vinga, entretanto deixa que elas colham as consequências de suas atitudes.

No último parágrafo do conto, é descrito que:

Elas foram a igreja, a mais velha entrou do lado direito e a mais nova do lado esquerdo. Os pombos bicaram um olho de cada vez das duas irmãs, deixando-as completamente cegas. E foram condenadas a ficarem cegas para o resto de seus dias por causa de suas maldades e falsidades. (GRIMM, J.; GRIMM, W, 2019, p. 179).

Nesse sentido, percebemos que o final do conto de Cinderela apresenta alguns elementos que o aproximam do gênero fábula, como por exemplo, a atuação de animais. Como agendes da punição das irmãs postiças da Cinderela.

4. CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO RELIGIOSO

No que se refere a formação acadêmica para o ensino religioso, (GONÇALVES, 2023, P.81) acredita que “o atual modelo de a formação docente não se enquadra em uma perspectiva mais humanizante, que focaliza a dignidade dos alunos”. Porque o modelo exposto produz profissionais com poucas possibilidades de articulação entre as diversas áreas do conhecimento religioso e a diversidade religiosa.

Segundo a BNCC (Brasil, 2018), o ensino religioso no Brasil tinha um viés confessional, assumindo diferentes perspectivas teóricas-metodológicas ao longo dos anos, até que em função dos promulgados ideais de democracia, inclusão social e educação integral, até o momento em que vários setores da sociedade civil passaram a reivindicar a abordagem do conhecimento religioso e reconhecimento da diversidade religiosa presente no país, aos poucos modificou a visão de ensino religioso.

A partir da década de 1980 quando diversos fatores socioculturais provocaram mudanças, principalmente na educação brasileira, só então o ensino religioso não mais era visto na perspectiva confessional. Incluído na área de ciências humanas e sociais; hoje, de acordo com a BNCC, deve-se abordar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilegiar de nenhuma crença específica que possa sobressair as demais.

Isso implica dialogar com esses conhecimentos, fundamentando-se nas diversas culturas e tradições religiosas, sem desconsiderar a existência de filosofias seculares da vida. Antes disso, não poderíamos deixar de citar a relevância e contribuições dos jesuítas por todo o país, durante aproximadamente três séculos, foram pioneiros no quesito educação e no ensino religioso, mais especificamente. Embora fora propriamente com o intuito e/ou missão de catequizar os nativos, na perspectiva confessional, foi assim que nasceu o ensino religioso no Brasil.

A Constituição Federal de 1988 (artigo 210) e a Lei de Diretrizes e Bases - LDB nº 9.394/1996 (artigo 33, alterado pela Lei nº 9.475/1997) estabeleceram os princípios e os fundamentos que devem alicerçar epistemologias e pedagogias do Ensino Religioso, cuja função educacional, enquanto parte integrante da formação básica do cidadão, é assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa, sem proselitismos. Mais tarde, a Resolução do Conselho Nacional de Educação - CNE/ Conselho de Educação Básica - CEB nº 04/2010 e a Resolução CNE/CEB nº 07/2010 reconheceram o Ensino Religioso como uma das cinco áreas de conhecimento do Ensino Fundamental dois.

Portanto, a disciplina de religião voltada exclusivamente para o ensino fundamental, é um componente curricular de oferta obrigatória nas escolas públicas e privadas. E como as demais disciplinas, têm objetivos de atender as orientações da BNCC (BRASIL, 2018, p. 436), pois assegura:

- a) Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos;
- b) Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos;
- c) Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal;
- d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania.

Ou seja, a partir do que o documento orienta, podemos resumir esses objetivos no ensino da moral e dos bons costumes, legalmente dentro da nossa constituição. Todos esses objetivos propostos pela BNCC podem ser alcançados por meio de estudos literários de modo geral também por meio da literatura bíblica, podem ser trabalhados de maneira interdisciplinar.

5. A INTERLOCUÇÃO ENTRE A HISTÓRIA DA CINDERELA E JOSÉ DO EGITO

Nessa perspectiva, no que diz respeito à Cinderela, como outros grandes contos famosos dos irmãos Grimm, -ou mesmo da literatura clássica internacional- podem contribuir para o ensino religioso contextualizado, enquadrando-se assim nas orientações da BNCC na medida em que essas obras problematizam diversas representações sociais; como questões preconceituosas, por exemplo, passam a ter relevância, haja vista que podem ser utilizadas com o intuito de combater a intolerância, a discriminação e a exclusão, fatores que na maioria dos contos literários se fazem presentes.

Com relação à proposta de ensino, a palavra literatura, que segundo Souza (2007), considera dois significados históricos básicos: 1. Até o século XVIII, a palavra mantém o sentido primitivo de sua origem latina *-litteratura-*, significando conhecimento relativo às técnicas de escrever e ler, cultura do homem letrado, instrução; 2. Da segunda metade do século XVIII em diante, o vocabulário passa a significar produto da atividade do homem de letras, conjunto de obras escritas, estabelecendo-se, assim, a base de suas diversas acepções modernas,

por isso é relevante que esses conteúdos devem estar presentes nos materiais didáticos de ensino religioso para o ensino fundamental.

Para isso, podemos encontrar uma variedade de gêneros literários na Bíblia Sagrada um livro útil e significativo para o ensino religioso, visto que é possível encontrarmos a presença de vários gêneros como épico, lírico e o dramático, além de fábulas, leis, salmos, crônicas, entre outros, tanto quanto nos textos literários profanos.

Além dessas contribuições das obras literárias no processo de ensino e aprendizagem no ensino religioso, a autora Carvalhal (2010) enfatiza que a temática exposta tem importância nos estudos literários, e também pode ser compreendida como uma arte, que proporciona ao leitor um conhecimento significativo sobre o texto literário, levando a reflexões sobre diversas temáticas que nos cercam.

Outro aspecto a ser considerado é a arte está presente nos mais variados espaços religiosos, mas, muitas vezes, pela falta de material didático interdisciplinar, nossos professores e alunos desconhecem seus elementos representativos, seus significados e a importância deles para quem utilizam. Há mais religiões e crenças espalhadas que não conhecemos, assim como desconhecemos suas músicas, histórias e narrativas carregadas de instruções.

De maneira didática, apresentamos a seguir um quadro demonstrando os principais aspectos que assemelham as duas trajetórias dos personagens, como uma forma de sistematizar a análise literária, aplicada ao ensino de religião.

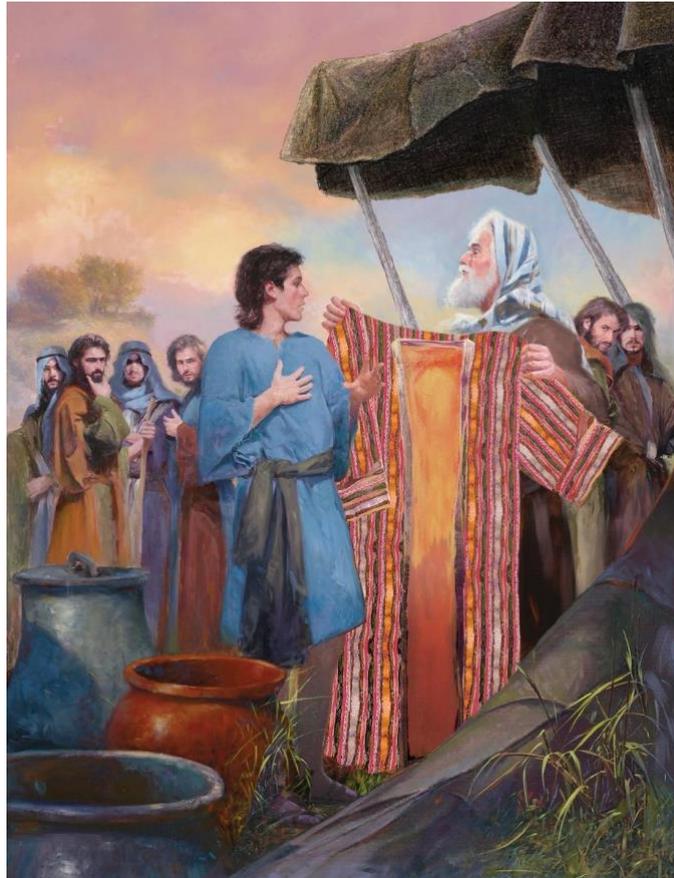
Quadro 01 - Semelhanças entre *José do Egito* e a *Cinderela*

SEMELHANÇAS	JOSÉ DO EGITO	CINDERELA
Morte da mãe	Morreu durante um parto	Morreu muito doente
Inveja dos irmãos	Não falavam amigavelmente	Não falavam amigavelmente
Apelido	Sonhador	Borradeira
Preferência paterna	Filho da sua velhice	Filha primogênita
Presença do sangue	Na túnica de José	No sapato de ouro
Injustiça	Prisão	Torre
Superação	Governador do Egito	Princesa do reino
Casamento	Casou com <i>Azenate</i>	Casou com o príncipe
Perdão	José acolhe seus irmãos	Não há vingança
A fuga	Mulher de <i>Potifar</i>	Do príncipe

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Considerando que cada história possui um elemento simbólico, a túnica colorida representa ou simboliza a história de José e sua trajetória, constamos também que suas trajetórias apresentam elementos comuns. Agora, com a figura 01 e 02, veremos a presença dos símbolos representativos.

Figura 01 – Elemento simbólico da obra *José do Egito*



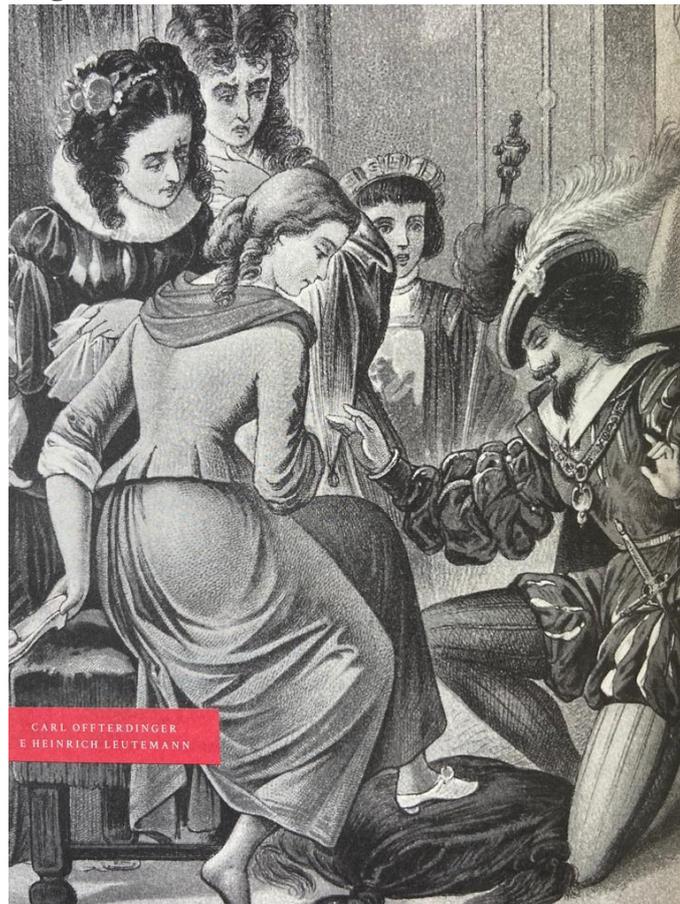
Fonte: <https://seedsofffaith.cph.org/2015/09/01/joseph-and-his-brothers/>. Acesso em: 01 maio 2023.

A túnica de José pode ser descrita com diferentes características a depender da versão ou tradução da Bíblia, podemos nos deparar como túnica longa, colorida ou túnica de várias cores.

Já, a obra *Cinderela*, é representada originalmente por um sapato de ouro, e adaptado ao longo dos anos por um sapato de cristal, o qual se tornou mais famoso. A mudança no material do sapato se deu pela necessidade de surpreender o público leitor ou ouvinte da história. Na versão original, descrita como sapato de ouro, era comum o uso de sapatos de madeira, couro e tecidos apenas, portanto, ouro nos pés era algo totalmente inovador e surpreendente.

Ao longo dos anos, os calçados passaram a ser não apenas uma necessidade de proteger os pés, mas um artigo de luxo, a diversidade de modelos com diferentes *design* e cores, sapatos dourados se tornaram comum. Então, como a necessidade de voltar a surpreender o público leitor com o calçado, o vidro ou cristal foram o elemento ideal, visto que até hoje não é possível a produção de calçados com esses elementos.

Figura 02 - Elemento simbólico da obra *Cinderela*



Fonte: Offterdinger e Leutemann (2019, p. 178).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da discussão e análise apresentadas neste trabalho, podemos concluir que a *Cinderela* e *José do Egito* apresentam diversos aspectos convergentes em comum ao longo de suas trajetórias. Assim, a partir dessa visão, concluímos a relevância que possuem na literatura e que podem contribuir tanto para a elaboração de trabalhos acadêmicos como para a elaboração de planos de aulas de ensino religioso.

Abordamos ao longo da pesquisa os principais aspectos literários comuns entre a trajetória de *José do Egito* e da *Cinderela*. Além disso, exploramos a origem do significado dos elementos representativos que simbolicamente retratam a história desses personagens, como o sapato de ouro e a túnica longa.

As características dos protagonistas foram relevantes para o estudo do comportamento deles, o modo de falar amigavelmente, o sentimento de inveja, a presença do perdão a quem um dia os oprimiram, além disso, foram apresentadas suas trajetórias de superação, comparando o quanto o comportamento era algo seriamente cobrado durante a antiga metodologia de ensino tradicional.

Outro objetivo que alcançamos nessa pesquisa, foi sobre a perspectiva de se considerar a interdisciplinaridade e suas possíveis contribuições para o ensino religioso. Uma didática de ensino leve e atrativa com textos sagrados e literários, podem ser estudados paralelamente, seguindo as orientações de documentos oficiais, como a BNCC, e assim, possivelmente, preencher a lacuna de material didático, que muitas vezes, são lacunares ou inexistentes.

Desse modo, compreendemos que a Bíblia, ou o conhecimento das escrituras sagradas, podem sim ser trabalhados, estudados e considerados como mecanismo de ensino religioso sob diversos pontos de vista, além de relacionar o conhecimento religioso com o conhecimento literário, possibilitando a quem despertou o gosto pela religiosidade, áreas de atuação como o sacerdócio, a teologia, ou até mesmo na arte, uma vez que as representações religiosas também se fazem presentes em grandes obras artísticas históricas.

No tocante às orientações da BNCC, percebemos ainda uma carência em relação aos materiais didáticos para o ensino religioso, apesar de conter no documento oficial detalhadamente todas as habilidades e competências para a realização dessa disciplina, é notório, por experiência pessoal que não ocorre tal qual está nas normas. Questões básicas que tendem a ser normalmente abordadas na disciplina poderiam ter mais ênfase. Indagações como: quais são os símbolos religiosos? Quais os alimentos sagrados? Qual a diferença de religião e

seita? Entre outros temas relacionados que não são abordados como deveriam por falta de apoio ou material didático para o professor.

Cabe então, a princípio, para que ocorra uma melhoria significativa no combate a intolerância religiosa e na mediação de conhecimento entre professor e alunos nas aulas de religião, tanto a elaboração de material didático quanto o suprimento de capacitações através de uma formação continuada aos professores encarregados de lecionar esta disciplina.

É louvável a aceitação da Bíblia Sagrada em escolas públicas e privadas de ensino, para nortear os professores no ensino religioso, entretanto sem um caráter doutrinário, como também o fato de que a BNCC apresenta orientações e critérios necessários para o ensino religioso que seja respeitoso o contextualizado. Este trabalho não é conclusivo e permite outros olhares sobre o tema pesquisado.

REFERÊNCIAS

- BIBLIA SAGRADA. Antigo testamento. NVI; 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** (1988). Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 01 maio 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação, **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília: MEC, 2018.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- FRYE, Northrop. Primeiro ensaio; Crítica histórica: teoria dos modos. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Editor Cultrix LTDA, 1957.
- FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a bíblia e a literatura**. Tradução Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 20041912-1992.
- GONÇALVES, Andreia Soares. **O ensino religioso no Brasil: desafios contextuais para a formação docente**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 08, Ed. 04, Vol. 03, pp. 78-88. Abril de 2023. ISSN: 2448- 0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-dareligiao/o-ensino-religioso>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/cienciada-religiao/o-ensino-religioso
- GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2001.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Cinderela. In.: **Contos de fadas em suas versões originais**: edição de colecionador. Tradução de Felipe Lemes; Carolina Caires Coelho, Kamila França. São Caetano do Sul, SP: Wish, 2019, p. 168-179.
- MEREGE, Ana Lúcia. Prefácio. In.: **Contos de fadas em suas versões originais**: edição de colecionador. Tradução de Felipe Lemes; Carolina Caires Coelho, Kamila França. São Caetano do Sul, SP: Wish, 2019.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SOUZA, Roberto Acízelo. **Teoria da Literatura**, 10. ed. São Paulo: Ática, 2007. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2018/12/Roberto-Ac%C3%ADzelo-de-Souza-Teoria-da-literatura-docrev.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2023.
- WELLEK, René. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. /AUSTIN, Warren. Tradução Luiz Carlos Borges: São Paulo: Martins Fontes, 2003 - (Coleção leitura e

escrita). Disponível em: https://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Teoria-da-Literatura_Ren%C3%A9-Wellek-e-Austin-Warren-1.pdf Acesso em 11 jun. 2023.